

A capital federal do desperdício

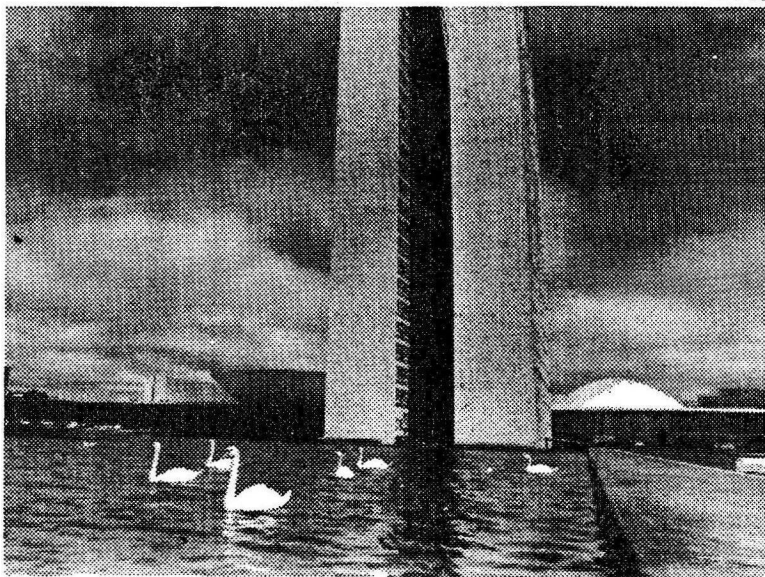
Arquivo — 26-9-88

Consumo exagerado de água pode secar torneiras do Planalto

BRASÍLIA — O excesso de consumo e o desperdício de água nos palácios, repartições públicas e mansões da capital federal podem levar ao racionamento em todo o Distrito Federal. O racionamento, que nos últimos quatro anos já atingiu as cidades-satélites de Planaltina, Sobradinho e Brazlândia, pode chegar ao Plano Piloto. “Este ano é rezar e pedir a colaboração da população”, diz o presidente da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), Ulisses Assad.

Com o maior consumo de água per capita no país, a capital federal revela distorções profundas: em algumas regiões do Lago Sul — área nobre da cidade — registra-se o consumo diário de 2.300 litros por habitante, mais de dez vezes superior à taxa padrão da Organização Mundial de Saúde (OMS), em torno de 200 litros por habitante/dia.

“O sistema de abastecimento está trabalhando no seu limite físico de atendimento, e a interrupção da oferta de água pode levar o racionamento até o Palácio do Planalto”, alerta Assad. Só o Planalto, por exemplo, consome mensalmente cerca de 18 milhões de litros de água — mais que os 16 milhões de litros gastos no Shopping Center Conjunto Nacional. O Palácio da Alvorada, por sua vez, consome 8,5 milhões de litros, enquanto o recordista da Esplanada dos Ministérios é o Itamarati, com um consumo mensal de 36 milhões de litros. Entre os ministérios militares,



O espelho d'água gasta 12 milhões de litros/mês

o menor consumo é o do Ministério da Marinha, com 5,6 milhões de litros por mês. Somente o espelho d'água do Senado Federal consome mensalmente 12 milhões de litros de água.

Sobretaxa — Nas residências, o recorde de consumo fica por conta das áreas nobres. O Lago Sul consome mensalmente 69.000 litros de água por residência — três vezes mais do que toda a cidade-satélite de Ceilândia. O Lago Norte consome 59.000 litros mensais de água por residência e o setor de mansões (MSPW), 62.000. As Asas Norte e Sul, por sua vez, limitam-se à média mensal de 30.000 litros por residência.

A Caesb tem uma produção anual de 158 bilhões de litros, mas nos últimos dois anos o consumo de água aumentou 11%. Para inibir o consumo, além de campanhas educativas contra o desperdício, a Caesb insti-

tiu entre os meses de maio e novembro — época da seca — uma sobretaxa de até 100% sobre consumo que ultrapasse 50 litros mensais.

A Caesb pleiteia um aumento de pelo menos 70% nas tarifas para equilibrar dívidas crescentes, como os débitos contraídos junto à Caixa Econômica Federal para financiamento das obras do sistema. “A situação tem chegado a um ponto que não mais poderemos pagar”, diz. Com a Companhia de Eletricidade da cidade, por exemplo, a Caesb já tem um débito de mais de NCZ\$ 1 milhão. Por outro lado, a empresa reclama de alguns débitos não pagos. Um dos maiores, em cifras não reveladas pela Caesb, é da Universidade de Brasília (UnB). Segundo Assad, a UnB usa como argumento para não pagar suas contas de água o fato de “formar funcionários da Caesb”.